CHILE

Nova Constituição nas mãos dos indecisos

A seis dias do plebiscito, pesquisas indicam que maioria dos eleitores é contra a proposta de substituição da atual Carta, herdada da ditadura de Pinochet. Mas há espaço para mudança: uma significativa parcela não sabe ainda como vai votar

Fotos: AFP

Em Santiago, manifestantes preconizam rejeição à proposta: governo de Gabriel Boric busca saída negociada caso isso aconteça

Também na capital do país, protesto pela aprovação do texto: voto obrigatório e multa por ausência

Manifestações se multiplicaram por todo o Chile no fim de semana que antecedeu a realização do plebiscito sobre uma nova Constituição no país, a ser realizado no próximo domingo. As mais recentes pesquisas apontam para o fracasso da proposta de substituir a Carta Magna herdada da ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990) por uma que estabelece mais direitos sociais para a população.

Todas as sondagens colocam a opção "Rejeito" na frente nas intenções de voto para 4 de setembro, com índices que chegam a 56% e uma vantagem sobre a "aprovação" que varia de quatro e 12 pontos percentuais. No entanto, as consultas também mostram um grande percentual de indecisos — entre 10% e 15% do eleitorado.

É por essa parcela que os dois lados vêm "brigando" nos últimos dias. Mais de 15 milhões de chilenos devem ir às urnas no próximo domingo, na primeira convocação desde 2012 em que o voto será obrigatório e com multa por não comparecer.

"Voto pela rejeição principalmente porque a ideia de criar (a nova Constituição) nasceu em um momento de grande crise em nosso país; não foi uma decisão tomada com objetividade", justificou a professora Luz Galarce. Por sua vez, Esteban Córdoba, artista visual de 40 anos, decidiu-se a favor do novo texto, que, em sua opinião, "abre uma janela, ainda não uma porta, para nos tornarmos uma nação desenvolvida".

Pontos polêmicos

Para o cientista político Marcelo Mella, da Universidade de Santiago, o avanço do veto popular ao novo texto constitucional deve-se, principalmente, a "problemas em determinados conteúdos" relativos à organização do Estado, e não tanto pelos direitos que estabelece. "O evento mais provável é que a rejeição vença e a diferença nesse resultado depende de quantas pessoas votam e quem vota", explicou.

A nova Constituição busca modificar o atual Estado reduzido, que prioriza o investimento privado, para um Estado de bem-estar social, com uma ampla gama de direitos fundamentais. Entre as propostas consideradas mais polêmicas estão a "plurinacionalidade", ou reconhecimento de diferentes nações indígenas e povos originários; a criação de um Conselho de Justiça em vez do Judiciário, com um sistema de justiça indígena especial; e o direito ao aborto.

O texto foi redigido ao longo de um ano por uma Assembleia Constituinte eleita pelo voto popular, com paridade de gênero e assentos reservados para indígenas. O acordo político para a redação de uma nova Constituição estabelece que, em caso de rejeição do texto, a atual Carta Magna, alvo de inúmeras reformas após o retorno à democracia, continuará valendo

Analistas explicam a vantagem do "não" por múltiplos fatores, incluindo a desaceleração da economia, um ambiente político tenso e uma campanha bem-sucedida dos que se opõem à mudança. "Eles fizeram uma campanha inédita em comparação com outras de direita, se considerarmos que a rejeição é basicamente a defesa do status quo e a manutenção da Constituição (de Pinochet), disse Claudia Heiss, cientista política da Universidade do Chile.

Para Rodrigo Espinoza, acadêmico da Universidade Diego Portales, se for aprovada, a nova Constituição chilena "estabelecerá as diretrizes do constitucionalismo em nível global, pelo menos no Ocidente".

Diante desse cenário, o presidente Gabriel Boric, com menos de seis meses de mandato, adota um tom contemporizador. "Vou apostar em um Chile que se une por uma nova Constituição, ganhando o Aprovo ou o Rejeito", tem dito o líder de esquerda. Boric acredita que há espaço para negociação em busca de um consenso em torno de um outro texto. Uma ala da direita, inclusive, estaria a favor disso.

"Nesse 4 de setembro, no Chile, vamos viver um momento histórico porque temos a possibilidade de deixar para trás a Constituição do tirano, a Constituição de Pinochet", ressaltou Karina Nohales, porta-voz de uma manifestação, convocada por movimentos sociais, que levou milhares de pessoas às ruas da capital, Santiago.

"Se o 'Rejeito' vencer, como achamos que vai acontecer, os que vão realizar uma nova reforma constitucional, finalmente, têm que entrar em acordo. Esse projeto de Constituição é ruim", destacou, por sua vez, a direitista Carol Bown, ex-membro da Convenção Constitucional.

Jornalistas assassinados na Colômbia

Dois jornalistas foram mortos, na madrugada de ontem, quando voltavam da cobertura de uma festa popular no Caribe colombiano. Segundo a polícia, os repórteres viajavam de carro entre os municípios de El Copey e Fundación, quando foram abordados "por dois criminosos em uma motocicleta" que efetuaram disparos com armas de fogo contra Leiner Montero Ortega, 37 anos, e Dilia Contreras Cantillo, de 39. Ambos trabalhavam no portal Sol Digital de Fundación, no norte da Colômbia.

Segundo o coronel Andrés Serna, comandante da polícia de Magdalena, o ataque também deixou um ferido "que está recebendo atendimento médico", sem especificar se também é jornalista.

De acordo com as primeiras investigações, o atentado estaria relacionado a um "ato de intolerância" durante a celebração, expressão usada pelas autoridades colombianas para se referir a discussões e agressões físicas. A Fundação para a Liberdade de Imprensa (Flip) pediu que as autoridades "considerem o trabalho jornalístico de Leiner e Dilia", que também era diretora do portal La Bocina.

Segundo o relatório mais recente dessa ONG colombiana, a violência contra jornalistas no país aumentou em 2021 e 768 profissionais foram vítimas de algum tipo de agressão, incluindo um assassinato. Desde a assinatura do pacto de paz com a ex-guerrilha das Farc, em 2016, 10 repórteres foram mortos.

A Colômbia ocupa o terceiro lugar entre os países mais perigosos para o exercício da profissão na América Latina, atrás de Venezuela e México, de acordo com a organização internacional Repórteres Sem Fronteiras.

IGREJA CATÓLICA

Em L'Aquila, Francisco reza por Celestino V

AFP

Reverência diante do túmulo do primeiro papa a renunciar: coragem

Um dia após empossar 20 novos cardeais, 16 deles potenciais eleitores em um conclave, o papa Francisco fez, ontem, uma visita a L'Aquila, no centro da Itália, que acabou alimentando especulações sobre planos de renúncia. Nas poucas horas em que esteve na cidade, ele rezou pelas vítimas do terremoto devastador de 2009, mas também destinou um tempo para orar diante no túmulo de Celestino V, o primeiro pontífice da história que renunciou ao cargo.

"Celestino V foi uma testemunha corajosa do Evangelho, porque nenhuma lógica de poder o encaixou ou dominou. Com ele, admiramos uma Igreja livre de lógicas mundanas e testemunha plena da misericórdia de Deus", destacou.

Francisco elogiou "a resiliência" da população de L'Aquila, destruída por um terremoto que deixou 300 mortos e mais de 1500 feridos há 13 anos. "Vocês demonstraram que são pessoas com um caráter resiliente", disse o papa argentino diante da catedral da cidade, arruinada pelo tremor de terra.

Diante de milhares de moradores e parentes de vítimas, que o receberam com um silêncio comovente, o líder da Igreja Católica mencionou a difícil reconstrução, não apenas física, mas também cultural, espiritual e moral da cidade, distante 80km de Roma. Quase 50 mil pessoas perderam as casas no terremoto.

Jubileu celestino

O pontífice chegou pouco antes de 8h30, de helicóptero, na cidade de 70 mil habitantes. Ele celebrou a missa e a bênção dominical do Angelus. Depois, cumpriu o antigo rito de abertura da Porta Santa, que marca o início da antiga "festa do perdão" católico, celebrada em L'Aquila desde o século 13.

Foi a primeira vez em 728 anos que um papa participou da cerimônia, inaugurada por Celestino V, um eremita que aceitou de maneira relutante sua eleição ao Trono de Pedro, teve muitos inimigos por suas reformas e renunciou ao cargo.

A deferência teve repercussão imediata entre os analistas dos assuntos do Vaticano, já que, recentemente, em declarações à imprensa, Francisco não descartou a possibilidade de renunciar por motivos de saúde. Além disso, os especialistas estão intrigados com uma convocação feita aos cardeais pelo papa.

Francisco marcou para hoje e amanhã um encontro que, oficialmente, tem como motivação discutir a reforma da Constituição Pontificia, em vigor desde o início de junho. Porém, há quem veja na reunião uma espécie de pré-conclave. Com o consistório de sábado, o pontífice teria o número mínimo de cardeais para eleger um sucesso.